



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**MARCELO ANTÔNIO ALVES GARCIA E WILSON PEREIRA DE
CASTRO FILHO**

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-691

Entrevistados: Marcelo Antônio Alves Garcia e Wilson Pereira de Castro Filho

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Residência de Marcelo Garcia, Juína (MT).

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 18/05/2016

Transcrição: Marina Albugeri

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 30 minutos e 28 segundos

Páginas Digitadas: 15 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) de Juína;
Infraestrutura e Organização do PELC; Impacto do Programa na cidade de Juína;
Envolvimento da comunidade no PELC; Eventos do PELC; Fim do PELC em Juína;
Palavras Finais.

Juína, 18 de maio de 2016. Entrevista com Marcelo Antônio Alves Garcia e Wilson Pereira de Castro Filho a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Então, primeiro agradecer a disponibilidade de vocês dois. Eu queria que começasse falando sobre a formação de vocês. Apresentasse um pouco quem é o Marcelo e quem é o Wilson.

W.C. – Bom, eu sou o Wilson Pereira, formado em Educação Física, graduado pela Universidade de Marília, interior de São Paulo, pós-graduado em Ciência do Treinamento Esportivo, também pela UNIMAR¹. Na época eu trabalhava como técnico esportivo da Secretaria de Esportes, quando ingressei no programa. Atualmente sou professor da rede estadual², da rede básica, no ensino fundamental e da Universidade Agile no curso de Educação Física e Pedagogia.

M.G. – Sou Marcelo Antônio Alves Garcia, formado na FUNEC-FISA³, Santa Fé do Sul, interior de São Paulo, educador físico, pós-graduado pela FIPAR, Faculdade Integrada de Paranaíba. Trabalhei na rede estadual e, também, na rede privada aqui do município, na área de educador físico e fui nove anos secretário do esporte aqui no município. Na época era o coordenador técnico e, também, o coordenador geral do programa Esporte e Lazer.

C.M. – Como era o esporte e o lazer aqui na cidade de Juína⁴, no início dos anos 2000?

M.G. – Na realidade, no início dos anos 2000... Faltavam muitos profissionais aqui no município de Juína. O professor Wilson é um dos mais antigos daqui, acabou vindo, depois acabou regressando, depois ele coloca um pouco mais sobre isso. Mas aqui faltavam muitos profissionais e, também, nesta prática o esporte e lazer, nós não tínhamos praticamente espaço algum para essas práticas. Tinha praticamente só um campo de futebol em cada bairro

¹ Universidade de Marília.

² Do Estado do Mato Grosso.

³ Fundação Municipal de Educação e Cultura de Santa Fé e Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul, São Paulo.

⁴ Cidade do Mato Grosso.

aqui da cidade. Aí foi investido, pelos gestores, na época o Ságua⁵ e o Altir⁶ espaços de praças dessa cidade, mas faltava oportunidade para que as pessoas tivessem o seu momento de lazer, principalmente, sua prática de esporte e lazer. E com o programa, na época, veio bem a atender e atingir diretamente a essas pessoas. Porque era um programa que, na época, atendia de zero a cento e cinquenta anos, como a Andréia gostava bastante de frisar essa questão, que era aberto a toda a população. O intuito era de inclusão mesmo, era de atender a população de uma maneira geral. E esse programa veio bem de encontro, infelizmente, acabou não sendo um grande tempo. Esse programa veio para nós... Ficamos conhecendo ele no final de 2003, em dezembro de 2003 conseguimos implantar, desde que a ideia do ministério era que nos levássemos a necessidade que tinha em cada local, em cada núcleo. E aí nós conseguimos já em abril de 2004 dar o início a esse programa.

W.C. – A infraestrutura do esporte, na época, ela estava sendo construída aqui em Juína. A minha primeira vez em Juína foi em 1991, então, aqui não tinha nada praticamente. A gente fazia competição de atletismo no asfalto, correndo ao redor da praça, era tudo muito precário. E aí nesse período com a administração tanto do Ságua quanto do Altir, foi que começou a dar uma visão diferente para o esporte dentro da cidade. Então a gente ainda não tinha uma cultura da população voltada para o esporte, esporte ainda é uma coisa meio de luxo. A vinda do programa, na época, ela veio preencher essa lacuna. Aí a gente tinha muita dificuldade, na época, com a infraestrutura dos espaços mesmo. Então tivemos que fazer uma série de adaptações e, o governo municipal, na época, investiu para que isso acontecesse. Então isso foi o ponto marcante para a gente, para que o projeto tivesse a fluência e atingisse seus objetivos.

C.M. – Como vocês se envolveram com o programa? Foi a convite de alguém ou vocês que foram atrás? Como foi isso?

M.G. – Na verdade, veio o... A ideia veio do Ministério do Esporte, foram, na época, se não me falha a memória, dez municípios. Juína, por ser um município aqui do estado do Mato Grosso e da região centro-oeste, nós acabamos sendo contemplados com esse programa. E

⁵ Prefeito Ságua Morais.

⁶ Prefeito Altir Antônio Peruzzo.

aí nós conseguimos, como eu falei, chegou para nós no final de 2003 e já logo em 2004 nós conseguimos, que era um projeto piloto que estava engatinhando no ministério. Então, tanto eles quanto nós estávamos começando e tentando entender como que funcionaria.

C.M. – Você já era secretário?

M.G. – Na época, eu já era secretário do município.

C.M. – E você, como que você se envolveu?

W.C. – Então, eu era técnico esportivo da secretaria. Aí eu fui convidado pelo secretário, na época, o Marcelo, ele falou: “Ó, chegou uma proposta. Nós temos que montar um projeto, temos que elaborar”. A gente reuniu todos os técnicos da secretaria, unimos força, porque nós tínhamos prazo para entregar a documentação. Então, veio... Uma coisa que veio, assim, em cima da hora, para correr, para dar conta de atender todas as exigências que o projeto pedia. Tinha muita coisa para elaborar, na parte estrutural, na elaboração do próprio projeto, tudo para estar encaminhando para o Ministério. Foi aí que eu entrei, para ajudar a compor essa equipe de trabalho, para a gente dar conta de seguir os prazos para poder que eles tivessem êxitos no início.

C.M. – Vocês sabem por que Juína foi escolhida como umas das dez primeiras cidades?

M.G. – Na realidade, o motivo, oficial não, sabemos que eles, a ideia deles era pegar cidades de todas as regiões do país e de vários tamanhos e diferenças. Juína, na época, se encaixava nesse perfil, segundo a própria Andrea⁷ e o próprio Marcelo Russo⁸.

C.M. – Quem participou dessa elaboração? Como foi essa elaboração dessa proposta para o ministério? Quem estava, quem se juntou?

⁷ Andrea Nascimento Ewerton.

⁸ Marcelo Pereira de Almeida Ferreira.

M.G. – Na época, foram, praticamente, a secretaria de esporte toda, departamento de cultura, outras secretarias que fizeram parte... Secretaria de Educação, Assistência Social. Então, foram várias secretarias que fizeram parte da elaboração, tanto que nesse projeto Juína foi... Atendemos quase vinte... Foram feitas quase vinte oficinas diferentes, desde modalidades de quadra esporte, basquete, futsal, vôlei, handebol, as de areia, futebol de areia, futebol de campo, vôlei de areia, atletismo, judô, caratê, kung fu, modalidades de dama, xadrez, tênis de mesa, artesanato, bordado. Então, nós atingimos...

W.C. – Teatro.

M.G. – Teatro, verdade professor. Nós acabamos atingindo várias... Um leque muito grande de oficinas e nos três períodos, de manhã, tarde e a noite.

C.M. – E qual a estrutura que vocês dispunham e em que locais da cidade foi feito o projeto?

M.G. – Nós, na época, como o município era bem precário na questão de estrutura, nós saímos buscando parceiros. Nós em vários bairros, nós tínhamos parceiros. Aqui no São José Operário, que é um bairro próximo, nós tínhamos a praça que tinha uma quadra de vôlei de areia, futebol de areia. Nós tínhamos a associação que cedeu o barracão, que aí funcionava as oficinas que tinha que ser em local coberto e, também, o campo de futebol. Nós tínhamos, por exemplo, no módulo quatro, que era um outro local que também funcionava, nós usávamos a praça para vôlei, um quiosque, também, que foi contemplado no Programa Esporte e Lazer, um banheiro que funcionava... Jogos de salão, jogos de mesa e, a Pestalozzi também fazia parte dessa parceria. Nós atendíamos as crianças da Pestalozzi que tínhamos como atender e, também, usamos o espaço da Pestalozzi para estar atendendo, no ginásio, na área central. Nós usávamos o ginásio e, também, a praça, entorno do ginásio. No módulo cinco, nós usávamos a praça e a Associação da Comunidade de Santa Luzia, Santa Luzia. Então, nós tínhamos todos os bairros, todos os locais que funcionavam, além dos espaços da prefeitura, nós usamos espaços da comunidade, das associações, das igrejas, para que pudéssemos, na época, estar atendendo a população.

C.M. – Wilson, desculpa, eu esqueci de te perguntar. Qual era a sua função dentro da equipe do projeto?

W.P. – Dentro da equipe do projeto, eu era o coordenador de núcleo.

C.M. – De qual núcleo?

W.P. – Eu coordenava os núcleos do módulo quatro e da São José Operário.

C.M. – Como vocês organizaram esses módulos? Era cada bairro um módulo ou juntava bairros para se formar os módulos?

M.G. – Era, se não me falha a memória, cada bairro era um módulo, cada bairro era um núcleo. E aí nós tínhamos os coordenadores, na época, tinha coordenador, quando o núcleo era maior ficava num núcleo só e, quando era menor a gente juntava dois núcleos para cada coordenador. Nós não tínhamos um coordenador para cada núcleo, por exemplo, nós tínhamos um núcleo aqui que fica sessenta e três quilômetros daqui, que é no distrito Terra Roxa, então, nós não tínhamos como ter um coordenador lá. Nós tínhamos um... Eu não lembro se tinha monitor, faz muito tempo,

W.C. – Tinha um monitor.

M.G. – Era monitor, eu só lembro que nós tínhamos um bolsista lá também, nós tínhamos um bolsista, tinha um bolsista e tinha um monitor, que atendia nesse núcleo.

W.C. – Então, o monitor ele fazia o gerenciamento da parte administrativa, do controle de emissão de lanche, do controle de frequência, do acompanhamento do pessoal. E os bolsistas trabalhavam com as oficinas.

C.M. – E quem eram esses bolsistas? Como que vocês selecionaram e recrutaram os monitores e os bolsistas?

M.G. – Os bolsistas, a ideia que veio do ministério, na época, era principalmente atender quem era estudante, quem estava fazendo faculdade. Aqui nós, na época, praticamente, não tínhamos faculdade nenhuma, nós só tínhamos um curso, se não me falhe, de direito, da Universidade Federal do Mato Grosso que era uma extensão. Então, nós não tínhamos curso nenhum, então, para nós a maior dificuldade foi nós conseguirmos contratar essas, na época, cem pessoas ou quase cem pessoas, que atenderiam nesse programa. Então, nós acabamos pegando pessoas que gostavam de esporte, pessoas que tinha alguma habilidade, aptidão, principalmente, questão do...

W.C. – Bordado.

M.G. – Bordado, quem já sabia fazer, teatro, nós pegávamos os professores... Pessoas que já tinham experiência de teatro, alguém que já trabalha com teatro. Nós tínhamos aqui, na época, um professor de judô, que aí nós tínhamos um professor que trabalhava, e seus alunos mais graduados. Então, nós fomos tentando selecionar pessoas que tinham, pelo menos, aptidão esportiva e que gostasse daquela modalidade ou, que tivessem, pelo menos, um conhecimento naquela modalidade ou, naquela oficina que estava trabalhando.

C.M. – E as atividades elas eram divididas por faixa etária? Tinha atividades que eram mais pedidas, assim, que tinha mais circulação?

M.G. – Esporte de quadra era os mais pedidos, futebol e tal. Mas como nós dividimos eles em todos os bairros você atingia todos, você ia num bairro mais carente, como você tinha lá pintura em tecido e bordado, você a noite... Nós já colocávamos as oficinas mais a noite, porque o público alvo era mais as mulheres, que acabavam cuidando das suas casas ou que trabalhavam durante o dia, então, você tinha um público para atender e era um público bom, bastante gente que participava, que acabava participando. Então nós direcionamos essa questão de horário, lógico que durante o próprio andamento do programa você vai fazendo algumas adaptações dentro dos horários e dentro das modalidades, mas ficou bem distribuído o pessoal, na época...

W.P. – A proposta era atender de zero a cento e cinquenta, como a Andréia gostava de frisar isso. Então, o que a gente fazia, conforme a demanda da participação do público, a gente ia direcionando e ajustando as oficinas. Porque a gente tinha oficina que tinha frequência, às vezes, num dia de quarenta, cinquenta pessoas, aí tinha dia que dava dez, quinze. Então, o público ele era livre para escolher aonde ele ia. Esse era o ponto principal. Então ele não ficava preso numa oficina, ele ficava à vontade: “Eu quero fazer essa oficina hoje, eu vou para cá”, então, esse que era o ponto mais interessante. Isso dava àquela oscilação de público, então, a gente ia fazendo os ajustes. Às vezes a gente conseguia atender a faixa etária... Tinha gente que vinha em oficinas, você chegava tinha pessoas de setenta, oitenta anos participando.

M.G. – Eu não sei se todos os municípios eles tiveram, nós tínhamos a questão do lanche, também, que era distribuído. Então, isso era um fator, principalmente, nos bairros mais carentes que você atraía muita a questão de crianças. E os lanches aqui, eram *os* lanches... Era Danone⁹, era um pão com presunto, um pãozinho com presunto e muçarela, eram frutas, era um lanche bastante equilibrado. Inclusive elaborado por um nutricionista, na época, o município, a secretaria de saúde cedeu, como contrapartida também. Então, foi feito um trabalho bacana sobre isso. Então o que aconteceu, muitas crianças que a gente via que tinha dificuldades em casa, elas iam para as oficinas e aguardavam aquele momento do lanche. Como foi uma empresa que ganhou a licitação, na época, para distribuir, ela passava distribuindo em todos os núcleos, ela tinha um veículo próprio dela e distribuía. Então, era... Além de você ver a participação, era bastante interessante essa questão dos lanches, a questão das crianças, a própria questão dos adultos, quem estudava de manhã ia à tarde, quem estudava a tarde ia de manhã. Então, era bastante... Em todos os núcleos tinha, todos os períodos tinham, pelo menos, de duas a três oficinas, com certeza.

C.M. – Tinham mulheres e homens participando, meninas e meninos?

M.G. – Sim

C.M. – Ou tinha alguma predominância?

⁹ Marca de iogurte.

M.G. – Não, não. Tudo era junto, como o programa falava Esporte e lazer, principalmente, frisando a questão do lazer. Então, ela não tinha o intuito de preparar atleta, não tinha o intuito de treinar ninguém, o intuito dela era dar lazer, dar integração para essas crianças, adultos, idosos, bastante idosos participavam, então, o intuito era esse mesmo, era dar uma integração geral, total para essas pessoas.

W.P. – Como o Marcelo gostava de dizer para a gente, a proposta do projeto era mostrar para a população que ela tem direito ao lazer, que ninguém está ali fazendo um favor para eles, é um direito deles. Então, a forma que as oficinas eram apresentadas era dessa maneira, para que eles tivessem a liberdade de optar pelo o que queriam fazer e, se sentir, se apropriar daquilo como um direito deles.

C.M. – Marcelo, tu comentou que Juína conseguiu verba para construir espaços também. Como foi isso e quais espaços foram...?

M.G. – Juína... Esse aí foi no lançamento do programa lá em Brasília. Era para os dez municípios serem contemplados com essa verba. Chegou na hora, por contenção de despesa orçamentária, diminui para cinco municípios, e aí foi: “Como que vai ser distribuído? Tal, tal, tal”. E aí acabaram levando em consideração que distribuiriam para um município de cada região, aí teve sorteio, região que tinha dois municípios, região que tinha três municípios, regiões do Brasil, norte, sul. Juína era o único município da região centro-oeste, eu já gritei, levantei meus dois bracinhos “então, nós estamos contemplados” [risos]. Aí o pessoal ainda teve alguém que questionou, mas o pessoal do Ministério disse: “Não, tem razão, está certo. É a única da região centro-oeste, então, Juína foi contemplada”. Inclusive, nós até pontuamos aqui ontem, nós conversamos, nós queríamos até te... Se quiser dar uma olhada nos espaços. Na época, foram construídos uma pista de caminhada, foi construído três salas em anexo ao ginásio de esporte, foi feito uma pista de skate, foi feito uma cancha de bocha na Vó Paixão, que é onde funciona até hoje a bocha da Vó Paixão e, também, foi construído um quiosque, aqui no módulo quatro, com banheiros masculinos e femininos. Essas três salas, também, anexas ao ginásio de esporte, também tem dois banheiros, masculino e feminino e a pista de caminhada é a única no município até hoje, que é em volta

do ginásio. Depois foi feito uns calçamentos em volta do estágio que, também, o pessoal usa, mas a pista de caminhada até hoje é utilizada em volta do ginásio, uma obra que foi feita em 2004.

C.M. – Como era o cotidiano nos núcleos? Talvez o Wilson possa falar mais, assim, o que o coordenador de núcleo fazia?

W.P. – A gente fazia, basicamente, um acompanhamento da frequência dos bolsistas, para certificar que não haveria faltas, para não ter o prejuízo do atendimento. Orientar o monitor no levantamento das informações, porque a gente tem relatório que vai ser emitido depois, então, precisava ter as informações de maneira precisa, fazer o acompanhamento da frequência para poder pedir o lanche, porque era licitado e tinha quantidade. Então, a gente precisava ter um acompanhamento preciso da frequência para não deixar sobrar demais ou faltar demais o lanche, naquele núcleo, no momento. Então, esse era o trabalho que a gente fazia, todo esse acompanhamento e verificar que tudo estivesse funcionando da maneira adequada.

C.M. – E o coordenador técnico?

M.G. – Nós fazíamos toda a parte de levantamento, de material que utilizaria, licitações, contratações, dispensa de pessoal, essa questão do lanche, licitação de lanche. Porque como era um projeto piloto era cru de tudo, então, nós não sabíamos “quanto agulhas vai comprar para fazer artesanato?”, “quantos rolos de... Quantos vidrinhos de tinta?”, “quantas tesouras?”, linha. Porque aí você usa vários tipos de linha, você usa vários tipos de agulha. No judô você vai utilizar o que? Tatame, você vai utilizar quimono. Kung fu, luva. Nós tínhamos uma noção maior de esporte de quadra, bola, que vinha... Esse vinha no programa¹⁰ que era os presos que faziam na época. Você ficava preso, praticamente, o tempo todo nessa parte de documentos, de papel, de licitação, a parte mais burocrática. E além de tudo, reunião toda a semana, com os coordenadores, periódicas, então, toda a semana a gente sentava, reunia. E no mínimo uma vez por mês com todos os bolsistas e, também, como os monitores. Além das formações que eram feitas pelo Ministério do Esporte.

¹⁰ Programa Pintando a Liberdade.

C.M. – E o material, vocês receberam material, então, do Ministério? As bolas, a verba, também, para material para as agulhas, tintas, vocês também receberam?

M.G. – Sim. Foi nós que passamos para eles as demandas, nós passamos as demandas, eles distribuíram... Disponibilizaram a questão das verbas para a gente, e aí foi comprado. Além, fora isso, foi bolas, rede de vôlei, foi rede de futebol, as bolas de todas as modalidades que veio do ministério, e aí veio o recurso para aquisição, para pagamento dos bolsistas, monitores, coordenadores e, a aquisição desses materiais. Além dos lanches, que é depois uma verba a parte, uma outra... Um outro convênio da questão da construção dos espaços.

C.M. – Agora sobre o impacto para a cidade. Como você viam às comunidades sendo atendidas, vocês acham que teve impacto dessas comunidades, como vocês veem?

W.C. – Posso te afirmar, *com certeza*, que o programa para Juína, mudou a visão da população com relação ao esporte. Porque começaram a se interessar, a participação foi *muito* grande. Quando a gente fazia os levantamentos de pessoal, a gente ficava impressionado com o volume de pessoas que estava sendo atendidas e, a ansiedade do pessoal em estar ali, em estar participando. Tinha pessoas que iam para o núcleo, às vezes, eles não faziam a oficina, mas só dele estar ali, observando, acompanhando, então, o lazer dele era estar ali observando o movimento e tal. Então, a gente viu que teve uma mudança muito grande. Inclusive, quando ele terminou, no processo, a população ficou cobrando ainda, “nossa, mas porque acabou?” “Que que teve e tal”. A gente sabe que tem todos os processos legais, a gente foi até onde era o projeto, onde estava previsto. Mas a gente percebeu que a mudança foi muito grande e, o reflexo ele repercute até hoje. Hoje, nós trabalhamos numa segunda remessa aqui, com uma modalidade esportiva que a gente tinha equipe e, a gente lotava ginásio e o pessoal sente falta desse tipo de evento, desse tipo de ação. Então, eu vejo que foi muito positiva a passagem do Esporte e Lazer.

M.G. – Concluindo o que o Wilson colocou, Juína antes do Programa Esporte e Lazer, o PELC, Juína após o PELC.

C.M. – E as formações, como foram as formações que vieram do Ministério?

M.G. – Nós tivemos essa primeira, que foi apresentação para nós, do pré-projeto, ainda, na época, que era embrião. Final de 2003, bem no finalzinho de 2003...

C.M. – Eles vieram aqui ou vocês foram...?

M.G. – Não, vieram aqui. E aí depois que nós montamos aí os nossos contatos via telefone, que eles vieram, se eu não estiver equivocado, uma vez, Wilson, ou duas vezes fizeram o treinamento aqui em Juína.

W.P. – Esse treinamento foi feito uma vez.

M.G. – Uma vez. Aí vieram uma vez, fizeram treinamento com todos os monitores, bolsistas, praticamente, todos já estavam contratados, coordenadores. E aí depois, era para os coordenadores terem ido uma vez em Brasília, mas acabou não dando certo, acabou não funcionando, acabamos não indo. Eu fui como coordenador técnico, secretário, juntamente como o prefeito, no lançamento do programa. Mas não teve treinamento específico não, nós fomos lá participamos do lançamento, fizemos parte lá, inclusive, foi quando teve essa verba da parte da infraestrutura, mas não teve em si o treinamento. O treinamento mesmo foi uma vez, e aí eles vieram, o Marcelo Russo acabou vindo mais uma vez, tivemos... Os coordenadores, principalmente, mais treinamento e aprimoramento, mas fomos bem atendidos sim. Toda vez que nós estávamos... Tínhamos alguma dúvida, alguma coisa, nós entrávamos em contato, era muito bem atendido. Tivemos um respaldo muito grande do Ministério na área do lazer, na época.

C.M. – Sei que faz já bastante tempo. Mas vocês lembram o que era trabalhado nessas oficinas, formações?

W.C. – Tem um dos meninos que está na foto ali.

M.G. – O que está dormindo?

W.P. – É. O Marcelo não deve se lembrar do nome dele. Eles vinham, basicamente... Trabalharam a questão da introdução do lazer dentro da comunidade, de como trabalhar o lazer dentro da comunidade, ele trouxe um livro que ele tinha publicado a respeito, que fala do assunto. E trabalharam essa questão da socialização, de como esses bolsistas e monitores... Como lidar com a população, como trabalhar com... Então, o foco deles era em cima disso, fazer com que eles entendessem a maneira de lidar com esse pessoal e a importância que o lazer tem na vida das pessoas. Então, esse era o foco das formações.

M.G. – Nós estamos aqui colocando... Já passou desse assunto, mas você perguntou a questão da faixa etária, você vai levar umas fotos aqui, um material, que você vê que uma senhora com, com certeza, mais de sessenta anos e uma menina com sete, seis anos fazendo artesanato. Fazendo a mesma oficina, trabalhando junto, que era... Não sendo nesse assunto que o Wilson falou, mas foi uma coisa que eles colocaram para nós, que tínhamos condições e que a ideia do programa era isso, era atender todo mundo, desde zero a cento e cinquenta anos. Dentro de todas as oficinas nós éramos capazes de atender essas pessoas. E realmente eles conseguiram vender essa ideia e nós compramos essa ideia, nessas formações.

C.M. – Teve alguém da comunidade que se envolveu com o projeto, alguma liderança da comunidade?

W.C. – Sim. Na época, os presidentes das associações de bairro, até porque a gente teve que negociar com eles o uso dos espaços. Eles acompanhavam a gente, eles ajudavam a monitorar o andamento dos eventos. Então foi bem bacana isso, porque como eles cederam os espaços, eles também se preocuparam em ver que tivesse acontecendo alguma coisa ali saudável, era uma preocupação que eles tinham. Então, eles acabaram acompanhando e, até ajudaram a gente nessas fiscalizações. Se a gente comanda vários setores, é impossível estar no mesmo lugar... Em todos os lugares ao mesmo tempo. Esse tipo de apoio eles deram bastante, também. E até com ideias também e, aproveitaram para fazer alguns pedidos, então, a gente tinha o espaço “ó, porque não faz uma quadrinha aqui para a gente”. Então, foi aquele envolvimento que teve, mas vários presidentes de associação de bairros tiveram junto com a gente participando.

C.M. – Vocês fizeram eventos, assim, pontuais para além das oficinas?

M.G. – Sim. Foram feitos eventos, nós temos até alguns registros sobre isso. Manhãs e tarde de lazer. Então, foram feitos vários... Na verdade, foram feitos dois ou três eventos desse porte.

W.C. – Dois ou três. Na primeira remessa foi, depois na outra remessa teve um outro, também, que o Fabiano¹¹ coordenou.

M.G. – Cada período nós tínhamos um evento, que aí você englobava, você trazia todo mundo dos núcleos, aí entrava Secretaria de Educação com os ônibus, transporte. Então, nós trazíamos todo mundo dos outros núcleos para aquele núcleo, naquele domingo. Então, nós fazíamos num núcleo manhã e tarde de lazer. Aí nós trazíamos todo... Tinha transporte, meio de trazer todo mundo dos outros núcleos, para que viesse naquele núcleo e fizesse... Aí tinha essa interação com toda a cidade, numa maneira geral.

C.M. – Como foi o fim do convênio?

M.G. – Em 2004, nós perdemos a eleição. Em novembro nós interrompemos, faltava três meses de andamento, ainda, desse programa, Esporte e lazer. A nova gestão, professor Wilson pode falar até melhor que eu, ele fez parte no primeiro semestre da outra gestão, a partir de 2005. Eles deram continuidade os três meses aí encerraram o programa. Não sei qual foi o motivo que acabou não tendo a extensão depois. Mas eu sei que, aí como era doze meses de programa, nós tocamos acho que nove meses, se não estiver errado. E aí a outra gestão mais três meses, encerraram o convênio.

W.C. – Eu era funcionário da secretária, então, na transição a oposição que tinha ganhado, e aí eles queriam dar continuidade ao programa. Mas o programa tinha uma proposta de que o município fosse assumindo a contrapartida, a cada renovação assumindo um pouquinho a mais. E essa visão deles... Quando eles entraram, eles achavam que eles iam arrecadar muito

¹¹ Fabiano Hilário Ramires.

dinheiro com o programa, quando viram que tinha contrapartida e que tinha que aumentar a contrapartida, aí pisaram no freio. Então o que foi feito pela gestão, simplesmente, “vamos terminar com o recurso que já tem disponível, mas não vamos renovar”. E foi assim que foi feito. Por isso que acabou encerrando, perdeu a oportunidade de fazer a renovação. Por que, na época, o pessoal que ganhou não teve o interesse em fazer a renovação.

C.M. – Bom, tem mais alguma coisa que vocês gostariam de registrar? Para finalizar a entrevista.

M.G. – Obrigado por ter dado a oportunidade da gente relembrar de um momento histórico e bastante gratificante da história do município. Por que foi como eu coloquei, Juína antes e pós, na área de esporte e lazer, na questão do PELC. Então, é bastante interessante e gratificante a gente poder estar sentando, relembrando, discutindo. E vendo umas fotos, eu me vi bem mais novo [risos]. Então é gostoso isso, é bastante gratificante. E bom trabalho, esperamos estar tirando as dúvidas e estar fornecendo um material que fique, para que nossos filhos, nossos netos e com certeza que venha um dia ajudar, não só Juína, mas todo o nosso país. E que possamos um dia estar... Como somos hoje, bastante gratos pela oportunidade e bastante, como vou colocar, foi bastante compensatório saber que fizemos parte de uma história e que ajudou a crescer o lazer no nosso município, no nosso estado.

W.P. – Lembrar que os programas... No Brasil o pessoal fala que programa não funciona. Para nós aqui funcionou muito bem e, ainda deixou saudades. E é bom a gente ter isso registrado, gravado, que os outros vão ver, vão observar, que foi um trabalho muito grande por parte de toda a equipe, mas ao mesmo tempo foi muito gratificante. Por que cada vez que você ia num núcleo, que via a alegria de uma criança, de uma pessoa que estava ali e não sabia que ele tinha direito aquilo, que ele podia... Então cada vez que a gente via isso era uma satisfação fora de controle. Era um gás, um ânimo, para dar continuidade. Por que realmente foi um marco para a cidade

M.G. – Como o Wilson colocou, nós sempre frisamos que a pessoa não tem direito só a saúde, a educação, ela tem direito ao esporte, ela tem direito a lazer. Então, essa era uma coisa que vinha de encontro com a necessidade da sociedade, que vinha não, vem até hoje.

Hoje nosso país, ainda, é bastante carente. Hoje nós sediamos uma copa do mundo, hoje nós vamos sediar uma olimpíada e nós somos bastante carentes ainda. Principalmente, longe dos grandes centros, em espaços de lazer, em espaços de recreação, em espaço de esporte.

C.M. – Está bom. Eu agradeço profundamente aos dois e a gente vai dar continuidade para registrar essa entrevista. Muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]